

Entrevista

Pedro Lains. Economista e historiador, coordenou o estudo sobre 800 anos da economia nacional. Mas é sobre o momento de crise atual que fala nesta entrevista a fechar o ano, afirmando que o percurso de Portugal e da Grécia é igual, que só a banca lucrou com a forte contração económica e que a intervenção do Presidente é bem menor do que a necessária

“Portugal vai pedir a reestruturação da dívida em 2013”



JOÃO CÉU E SILVA
Jornalista

Há alternativa à política económica deste Governo?

Em democracia, essa pergunta só tem uma resposta: sim, há sempre alternativa. Em sociedades avançadas, só tem uma resposta: sim. No contexto da integração europeia, também só tem uma resposta: sim, há sempre alternativa. Às vezes esquecemos onde é que estamos e até pensamos que estamos no Terceiro Mundo! Pertencemos à Europa e há sempre alternativa. **Que pode ser mais do que uma?** Pode-se dividir as alternativas em dois tipos. A primeira, radicalmente diferente, com a saída do euro e o não cumprimento do serviço da dívida; com uma intervenção bastante mais forte do Estado na economia, que é a que muita gente credível apresenta e que na Grécia quase chegou ao poder. A segunda, mais moderada, na qual se faz o mesmo mas de uma outra maneira.

A ideia que o Governo passa é sempre de que não há alternativa!

Sim, é quase uma regra que os governos em situação de crise se apresentem como a única alternativa, porque têm de tomar medidas muito fortes e com graves consequências na vida das pessoas. A Irlanda tem um défice de 7% acordado com a *troika* e como objetivo um défice de 3% em 2016/17. Portugal está cheio de pressa, porque o Governo assumiu essa posição, daí estas consequências graves e negativas.

Está cheio de pressa por querer ser bom aluno ou por ideologia?

Há uma parte ideológica, a que não chamaria ideologia mas convicção. Mas há outra questão que me parece bastante importante, é que o Governo está sob forte pressão do sistema financeiro.

Internacional?

Não, português, porque os bancos

têm pressa em ver o assunto resolvido do lado da capacidade do Estado de pagar as dívidas. As pessoas não compreendem muito bem que esta ideia de contrair fortemente a economia resulta também do objetivo de se conseguir pagar a dívida externa mais rapidamente, porque a contração da economia faz que o défice externo diminua e se transforme em excedente. A diminuição do défice externo é a forma mais eficiente de se pagar a dívida, e é isso que o sistema financeiro quer.

Mesmo que a banca disfarce bem esse grande protagonismo!

É preciso não esquecer que foi a banca que, através de entrevistas nas televisões, levou o Governo socialista de José Sócrates a pedir ajuda. E que, com Passos Coelho, se reuniu com o Governo antes do anúncio da taxa social única (TSU)!

Os presidentes dos bancos foram os únicos que vieram a seguir ao anúncio da TSU dizer que era uma boa medida e são os únicos representantes de entidades empresariais que fazem declarações em favor do Governo. Há

uns meses, via-se que as próprias confederações patronais estavam contra este excesso de austeridade. Note-se que em economia é muito mais fácil concluir do que em outras disciplinas por causa dos números: o sistema financeiro foi o único que cresceu em 2012.

Qual foi a razão?

O peso do sistema financeiro na economia portuguesa não cresceu por milagre, mas por causa das políticas de apoio e proteção à banca, que são necessárias mas não podem ser exclusivas. Aliás, só em Portugal é que os banqueiros falam tanto em público.

Um peso que não se observa noutros parceiros sociais!

Não lhes deram. Os parceiros sociais não são tidos nem achados numa série de medidas que têm implicações na distribuição do rendimento e que são anunciadas como para favorecer o crescimento económico. Ao princípio, o

Governo tinha algum apoio das confederações patronais, depois tornou-se tão radical que o perdeu. Neste momento, a verdade é que o Governo foge para a frente porque as reformas falharam.

O clima criado por Passos Coelho e Paulo Portas contra o Governo Sócrates antecipou a entrada na crise?

Não. A crise, fundamentalmente, é internacional. Era no tempo de José Sócrates e é agora. Passos e Portas achavam que a ocasião era aquela, e acho muito bem que o tenham feito. E acharia muito bem se o PS agora considerasse que era o momento de desencadear uma crise política, ou que o CDS-PP pensasse que era o momento de criar. A democracia não pode estar a ser condicionada pelo comportamento dos mercados e, mesmo os Estados pequenos, têm capacidade de os pôr na ordem.

Prevê que tanto o PS como o CDS possam criar essa crise em 2013?

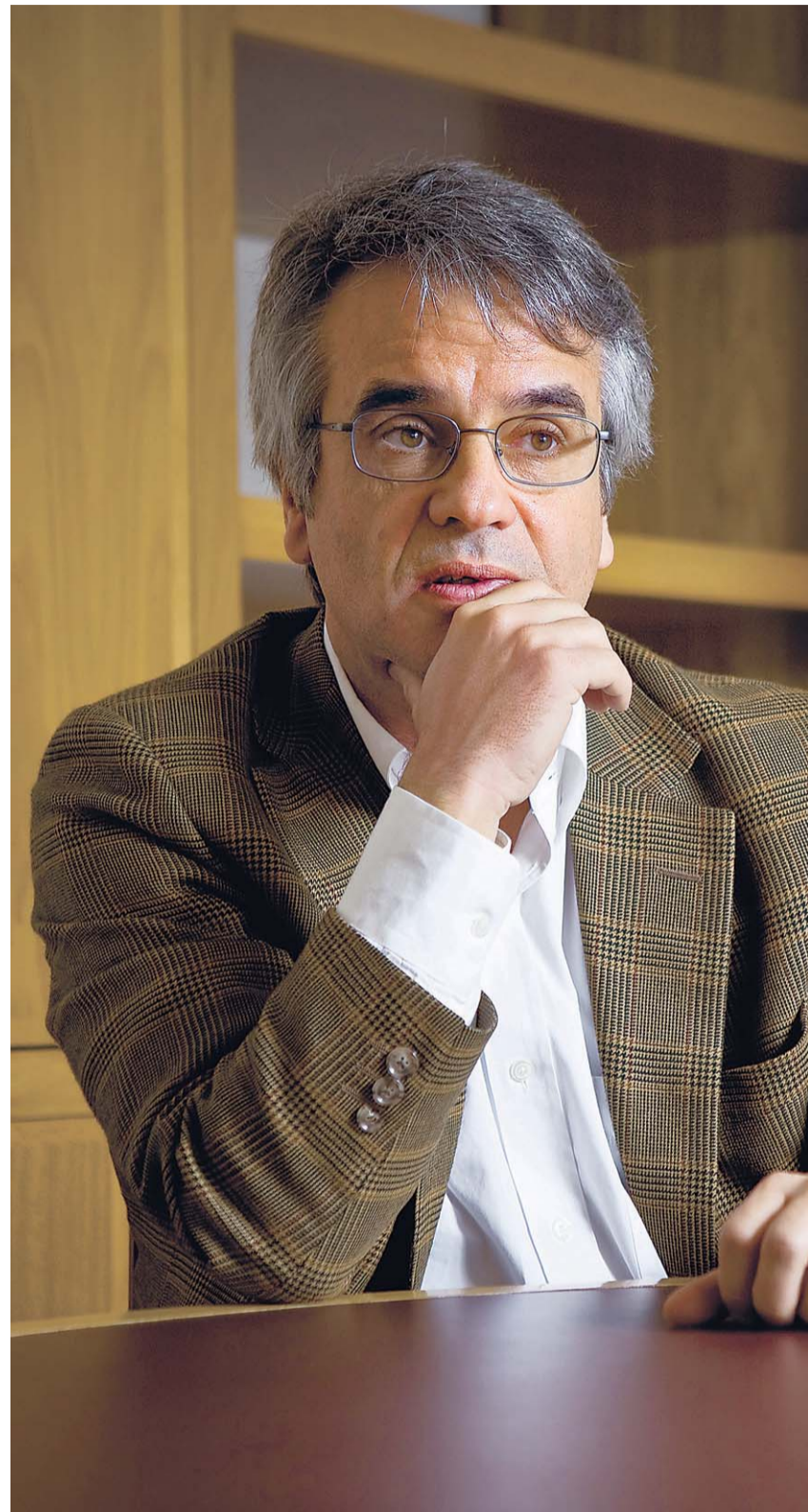
Creio que o CDS tem medo de criar essa crise política por ser responsabilizado pelo eleitorado e por sofrer nas eleições. O PS, neste momento, não tem a capacidade porque há uma maioria absoluta, embora em coligação, no Parlamento.

Vamos ter dois momentos críticos: a execução orçamental do primeiro trimestre e eleições autárquicas. Como acabará 2013?

Essa definição de março como momento crucial está para ser provada. Não sei se é uma mensagem que vem do Governo, mas não prevejo que aconteça alguma coisa.

Nem se os números da execução orçamental forem maus?

Os números vão ser péssimos, mas não vai acontecer nada porque o ciclo político não está dependente desses números. No que respeita às autárquicas, recordo que Margaret Thatcher foi derrubada pelos membros do seu próprio partido. Portanto, se as autárquicas forem muito más para o PSD, pode acontecer que o Governo sofra um levantamento interno contra Passos Coelho. Aquilo que vai acontecer em 2013 é fazermos um percurso como o da Grécia, com um terceiro ano de uma intensa austeridade e o Governo a ter mais



Investigador lembra Thatcher para falar do levantamento contra Passos

dificuldades em controlar o défice e o crescimento da dívida. Portugal vai-se apresentar, algures em 2013, em Bruxelas a pedir uma reestruturação da dívida. Essa é a minha previsão, porque nenhuma economia aguenta aquilo que o Governo está a fazer!

Mas o Governo continua insistentemente a dizer que em 2013 se verá sinais desse *volte-face*!

Sim, é uma mensagem que tem sido constante nos últimos 18 meses e que constantemente tem sido desmentida, e vai continuar a sê-lo! O que o Governo fez em 2012 foi austeridade a um nível esmagador, coisa que nenhum outro país na Europa fez a não ser a Grécia. Portugal e a Grécia são, de facto, a mesma coisa. A justificação é de que é isto, repito, que o sistema financeiro quer e de que há uma lógica por trás disto, não é um

absurdo. Aliás, em política e a este nível, há sempre uma lógica.

Só que essa lógica do sistema financeiro não salta à vista?

Para fazer este tipo de análises temos de ter alguns pressupostos e o principal é o de os agentes económicos serem racionais e os políticos irracionais. E quando temos esse pressuposto, perguntamos porque é que estão a fazer isto. E se olharmos com esse pressuposto para as políticas que se estão a fazer, perguntarmos: “Porque é que estão a fazer isto?” Se começarmos a pensar quem ganha neste jogo, chegamos à conclusão: o sector financeiro. E a conclusão não é teórica: em 2012, o único sector da economia que cresceu foi o sistema financeiro.

Considera que Portugal e a Grécia não são assim tão diferentes. Até que ponto?

PERFIL

PEDRO LAINS

› Nasceu em Lisboa, em 1959
› Licenciado em Economia pela Universidade Nova de Lisboa e doutorado em História pelo Instituto Universitário Europeu de Florença
› É investigador coordenador do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa
› Autor de vários livros e coordenador da 'História Económica de Portugal'

PARTICULARIDADES

Sobre Nuno Crato

› A análise que Pedro Lains faz do ministro da Educação, Nuno Crato, é a seguinte: “É um dos ministros que não consigo perceber. Como é que um académico consegue estar num Governo destes, que está a pôr o país no caminho da Grécia? Não percebo, francamente! O que está a fazer não tem de ser feito, é uma contrarrevolução que vai trazer consequências negativas.”

Sobre “Álvaro”

› Álvaro Santos Pereira não é um enigma para Pedro Lains: “Está a tentar ressuscitar porque é uma pessoa bem-intencionada, inteligente e tem capacidade de trabalho. Mas não tem peso político. Quem tem peso político é o ministro das Finanças, mesmo que tenha acabado esse mito do ministro das Finanças como o grande homem que ia salvar o País!”

Sobre Paulo Portas

› Entre os governantes que têm peso político, Pedro Lains destaca Paulo Portas: “Tem um problema com o CDS porque, eventualmente, o seu lugar no CDS depende de estar no Governo. E, por acaso, tem havido mais contestação dentro do CDS. A interpretação que faço, relativamente à atitude do CDS no Governo, é o medo que o CDS tem – legítimo, porque em democracia é mesmo assim – em ser penalizado pelo eleitorado se provocar uma crise política, e o medo que Paulo Portas deve ter em ter de sair da liderança do CDS se provocar uma crise política. Portanto, o CDS está entre a espada e a parede neste momento. Mas é a maior fragilidade do Governo, que é um Governo de coligação, nunca esquecer isso.”

Portugal e a Grécia são iguais do ponto de vista macroeconómico. São economias que estão a ter um problema porque são muito dependentes do financiamento externo.

Mas as soluções não deveriam ser diferentes?

As soluções estão a ser iguais. Vemos na Grécia muitas manifestações e instabilidade política e em Portugal não, mas o que está a acontecer são políticas iguais. A Grécia começou foi mais cedo, porque os problemas surgiram antes e o ponto de partida mais instável. Portugal está no mesmo caminho. **O Governo usa o memorando assinado pelo PS para se defender. Esse acordo não é pré-histórico?** Esse memorando já deveria ter desaparecido, e se o Governo quisesse já o podia ter deitado fora com o acordo das instituições interna-

cionais. O memorando teve a evolução que o Governo quis, e se tivéssemos outro governo, o acordo teria seguido outra evolução. Assim, a Alemanha teve um caso que pode reportar como o de as suas opções serem as mais indicadas, enquanto se o nosso Governo tivesse mostrado certa rebeldia, a Alemanha teria menos poder negocial nas instâncias europeias. **Acha que vamos “chegar mortos” ao final de 2013?**

Não, vamos chegar piores...

A função pública é culpada pela despesa a mais do Estado?

Obviamente que não.

Devia-se ter deixado o BPN falir?

Ninguém conseguiu ainda mostrar a verdade sobre isso. É um tema que vai estar sobre a mesa.

Os portugueses viveram acima das suas possibilidades?

Obviamente que não.

“Falta o escrutínio da saúde aos dirigentes políticos”

Referiu no seu blogue que era bom que a Presidência da República apresentasse periodicamente boletins de saúde sobre Cavaco Silva. Porque o fez?

Deve-se a um facto muito concreto: fui googlar o nome do Presidente da República e apareceu associado a uma doença. Ele tem uma certa idade, tem estado bastante afastado da intervenção política e acho que devíamos ter informação regular sobre o que se passa. Mas, atenção, no blogue escrevo coisas que são pensamentos momentâneos. Isso é mais um desabafo, mesmo que ache que na democracia portuguesa falta o escrutínio da saúde dos dirigentes.

Quando refere que o vê um pouco afastado, soma um mais um igual e dá-lhe dois?...

Começa-se com a idade, e é apenas por aí. É uma pura especulação. Recordo: nas democracias avançadas há, de facto, esses boletins sobre a saúde.

Que podem ser falsificados, como foi no caso de Mitterrand...

Aí, os jornalistas é que têm de estar em cima do assunto e ver o que é que se passa. Não tenho gostado da atitude do Presidente nos últimos tempos porque tem estado muito calado, e ele é fundamentalmente pago para falar. E não há cá “quem cala, consente”; é um Presidente da República, não é essa a regra, ele tem de falar.

Sentir-se-á responsável pela queda do anterior Governo e fica pouco à vontade com este?

Tem de o dizer e desdramatizar a posição. O Presidente, neste momento, está naquela posição de “quando eu falo, o País para”. Não precisa de ser assim, é um agente como os outros. Fale e diga o que pensa. E não ande a manobrar apenas nos bastidores, embora possam ser úteis. O País está a entrar numa miséria para resolver uma crise, mas a solução da crise não passa pela miséria, e o Presidente tem de falar sobre isso!

O próprio é afetado, porque não recebe salário da Presidência...

Essa é uma opção dele, que acho errada, o de receber do Banco de Portugal uma reforma em vez de receber da Presidência. Como princípio, é errado.

A situação inibe-o de falar das questões de austeridade?

Não, o Presidente tem arcaboço e passado suficiente para falar do que quiser! Teve um deslize quando fez um comentário menos feliz. **O comentário sobre a reforma?** Enquanto pessoa, tem capacidade, historial e experiência para falar. Não fala porque não quer, porque é a sua posição, ou não fala... não sei. Por isso é que levan-

tei essa hipótese, de ele estar enfraquecido, estar de alguma maneira debilitado. Não sei.

Só existem duas hipóteses: tem um problema de saúde ou é uma questão de não querer interferir na vida nacional, não cumprindo o papel para o qual foi eleito?

Melhor dizendo: acho que o seu papel é esse, o de não interferir, deixar o Governo governar e dar apenas um ou outro passo. Ele é que é o político, é que está no cargo e é ele que concebe a sua posição no cargo como a tem seguido.

Mas a situação não permite que mantenha este silêncio?

Acho que não devia estar tão silencioso como está. Mas também não é o assunto mais importante no momento. De todo, não é.

Ainda vamos vê-lo a ter de tomar a atitude de Sampaio e demitir o Governo?

Acho que sim, que não se pode excluir essa hipótese. Por isso é que eu quero o

Presidente na plena capacidade das suas forças. Sem dúvida, em 2013, isso pode acontecer. Quando tivermos uma contração, outra vez de 3%, 4% ou 5% da economia, pode ser preciso mudar a política; aligeirar o ritmo de cumprimento dos défices de redução da dívida, ou renegociar noutros termos, e civilizadamente, a dívida. É isso, se calhar, que irá fazer outro governo ou outro ministro das Finanças. Um ministro das Finanças político, que era o que eu agora queria.

Se este ministro das Finanças sair não é o fim deste Governo?

Não sei. Os portugueses percebem mais de economia agora do que há um ano e, por isso, acreditam menos no ministro das Finanças. É o que dizem as sondagens, claramente.

Além de ter modelos que vão contra os de Cavaco Silva?

Sim! E isso foi uma coisa que quem estava atento via logo. Ele está num nicho, onde há um grupo muito pequeno de pessoas que pensam como ele e que acham que a crise se pode resolver assim. É residual as pessoas que pensam que as questões se resolvem assim. Nas democracias avançadas, há remodelações muito importantes, só Portugal é que tem esse problema. Porque há muito a tradição de pôr os ex-governantes a fazer comentários acerca dos governos. O que um governo mais teme é ter um ex-governante à solta nos media.

Campos e Cunha

Como foi Correia de Campos?

Como Correia de Campos, que durante anos era o grande vigilante do Governo de José Sócrates.

O que falha nas previsões do ministro das Finanças?

A primeira coisa que falha é uma certa humildade e a segunda é o Governo ter chegado com a seguinte posição: este País e os políticos deste País são um desastre e vamos remendar tudo. Uma coisa que imediatamente falhou foram as previsões macroeconómicas, porque o ministro trouxe o conhecimento do Banco de Portugal, que é muito específico e necessário às funções num banco central, mas deitou fora toda a experiência das

peessoas que trabalhavam no ministério, relacionadas com o orçamento e a economia em geral. Além de que os seus modelos nunca funcionam. **Falta humildade ao ministro?**

Ao Ministério das Finanças em geral.

No seu caso, houve uma certa falta de humildade, porque logo no primeiro discurso disse: nunca um ministro das Finanças em Portugal cumpriu aquilo que prometeu. Vamos ser os primeiros. Daqui a um ano faremos a contas e verão que isto vai tudo acertar.

Não reconhece competência ao ministro Vítor Gaspar?

A ponto de dirigir o ministério como dirigiu e está a dirigir, não. De todo. Porque ninguém pode ter essa competência. O que é, aliás,

falta de capacidade para definir o caderno de encargos.

Quando se dizia que o ministro não tinha perfil político, isso é falso face ao que se tem visto?

Não, é verdadeiro. Tinha perfil técnico nas competências.

Mas não acaba por ter um papel mais político, até do que Passos?

Agora sim, mas no princípio não. Porque o poder traz política e no exercício das funções assumiu um papel político muito importante, a ponto de o foco mais importante do Governo ser a ligação entre o primeiro-ministro e o ministro das Finanças.

Partilha da ideia que colonizou o pensamento de Passos?

Passos Coelho não sabia ao que vinha. Tinha uns conselheiros que o induziram em erro relativamente aos problemas da economia portuguesa. E, na ausência desse pensamento económico, acolheu-se no de Vítor Gaspar.

“O Presidente, nos últimos tempos, tem estado muito calado”

“Tem uma certa idade e está afastado da intervenção política”